

• Integras

A Economia - Brasil

Por que 1982 deve ser um ano bem melhor

Síntese do estudo elaborado pela Ordem dos Economistas de São Paulo

A expectativa para 1982 é bem melhor do que a previsão que, em dezembro de 1980, se fazia para este ano. Contudo, isso não significa que se deva adotar uma atitude de otimismo exagerado.

O ano de 1981 foi um dos períodos de maiores sacrifícios para a economia brasileira, nos últimos 20 anos. As dificuldades econômicas ainda continuarão, uma vez que as causas básicas da recessão ainda persistem e continuam pressionando o desempenho da economia.

Desde o final do ano passado, toda a atenção da política econômica está voltada, fundamentalmente, ao alívio de dois pontos principais de estrangulamento da economia brasileira: a inflação e o desequilíbrio do balanço de pagamentos.

Em 1982, esses dois pontos ainda continuarão a ter reflexo negativo na economia como um todo, mas certamente menos grave do que em 1981.

ANÁLISE DE 1981

A inflação, após ter atingido a taxa anualizada máxima de 121,2% (IGP), em março deste ano, hoje, pode-se sentir considerável arrefecimento, estimando-se uma taxa anual em torno de 95%, ao final deste exercício fiscal.

No que se refere ao balanço de pagamentos, apesar de se haver conseguido considerável melhoria durante o corrente ano, a situação é bastante aguda, o que inspira ainda os maiores cuidados de toda a política econômica.

Com o superávit acumulado de US\$ 988 milhões até novembro, pode-se esperar que o saldo de nossa balança comercial irá situar-se em torno de US\$ 1,2 bilhão, ao final de 1981. Embora esse resultado não represente muito frente à gravidade do problema, trouxe, sem dúvida, uma certa dose de alívio, uma vez que, desde 1970, o País não havia conseguido um superávit anual significativo na balança comercial (US\$ 232 milhões).

E bem verdade que, dada a rígida política adotada, de restrições às importações e estímulos às exportações, o superávit da balança comercial poderia ter sido maior. No entanto, no que se refere às exportações, o seu desempenho foi aquém do previsto (a meta estabelecida no início do ano era de conseguir um incremento de 25% com relação a 1980, atingindo a casa dos US\$ 25 bilhões. Mas estas deverão situar-se em torno de US\$ 23,5 bilhões, representan-

do elevação de 17,5% com relação ao obtido no ano passado).

Basicamente, três foram os fatores limitativos desse desempenho:

a) a valorização do dólar em relação a outras moedas, o que prejudicou a competitividade dos nossos produtos nos outros mercados que não o norte-americano;

b) a queda do valor das vendas do café (-36,8%), o produto que representa entre 10 e 15% da pauta das exportações;

c) a elevação das taxas de juros internacionais, derivada da política econômica norte-americana, que abalou sensivelmente as cotizações no mercado de "commodities".

Assim, pode-se dizer que o principal fator do superávit da balança comercial, em 1981, (possivelmente US\$ 1,2 bilhão, depois do déficit de US\$ 2,828 bilhões verificado no ano passado), é devido às medidas de restrição às importações, o que levou o País à contração de todas as atividades produtivas, com reflexos na renda e no emprego da população. Convém lembrar que em 1965, também um ano de grande recessão, foi registrado o maior superávit da balança comercial dos últimos anos (US\$ 645,8 milhões).

Por seu turno, a dívida externa brasileira, ao final do corrente ano, deverá montar à casa dos US\$ 62 bilhões, o que representa um acréscimo de 15% com relação ao de 1980 (US\$ 54 bilhões), o que implicará aumento nos gastos como os serviços da dívida em 1982.

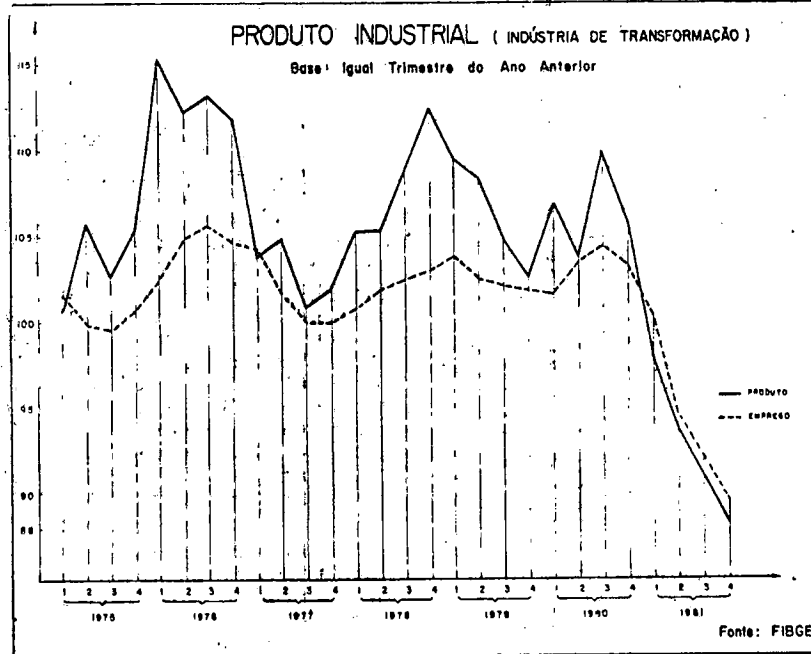
Os serviços da dívida (juros mais amortizações) em 1973, absorviam 35% da receita proveniente das exportações, enquanto hoje consome cerca de 65% daquele montante.

No plano interno, com relação ao desemprego, esse alcançou, em 1981, índices dos mais elevados nos últimos anos. Por exemplo, o emprego industrial em setembro deste ano apresentou uma queda de -14% em relação a igual período de 1980, e, mesmo com uma certa recuperação no último trimestre do ano, ainda deve fechar 1981 com uma queda de -8 a -10% em relação ao ano passado.

O PIB-Produto Interno Bruto, em 1981, deverá apresentar um crescimento zero ou próximo de zero, apesar do bom desempenho do setor agrícola, devido à retração nos demais setores.

TENDÊNCIAS PARA 1982

Inflação — Caso não surjam novas pressões sobre a atual política econômica, como, por exemplo, algum grave conflito externo ou uma pressão política interna maior, decorrente de 1982 ser um ano eleitoral, é possível esperar para o próximo ano uma taxa inflacionária ao redor dos 70%. Uma hipótese pessimista, em função da impossibilidade de se sustentar a atual política econômica, elevaria aquela previsão, colocando-a entre 80 e 85%.



Entretanto, tudo dependerá da forma como será implementada a política econômica e da possibilidade de um eventual aquecimento da economia.

Balanço de pagamentos — A expectativa é de se alcançar um superávit em torno de 3 bilhões de dólares, pois espera-se conseguir conter as importações ao redor dos 25 bilhões de dólares e elevar as exportações à casa dos 28 bilhões de dólares.

A grande esperança é de que sejam mantidos estáveis os gastos na compra de petróleo, que nesse ano foram de cerca de 10,5 bilhões de dólares. Essa perspectiva se deve à unificação e estabilização do preço do petróleo, decididas pela OPEP. Mas isso vai depender da conjuntura econômica e política internacional.

Dois argumentos, porém, corroboram a possibilidade de serem mantidas as importações de petróleo em torno dos 10,5 bilhões de dólares: a redução do consumo pela crescente substituição do produto por outras fontes de energia e o aumento da produção doméstica.

A meta de contenção do total das importações ao redor dos 25 bilhões de dólares parece ser uma tarefa não muito fácil.

Primeiro, porque, se houver uma tentativa de reativar a economia em níveis mais elevados do que aqueles capazes de garantir o mesmo nível de produto industrial existente em 1980 e dada a mesma composição setorial, isso implicaria o crescimento das importações acima dos 20% previstos, o que poderia redundar até num déficit na balança comercial.

Segundo, pela possível necessidade de aumento nas importações de produtos agrícolas, além das previstas, em função de um mau desempenho do setor, devido ao total da área plantada para a próxima safra ser inferior ao do ano passado e em decorrência de adversidades climáticas.

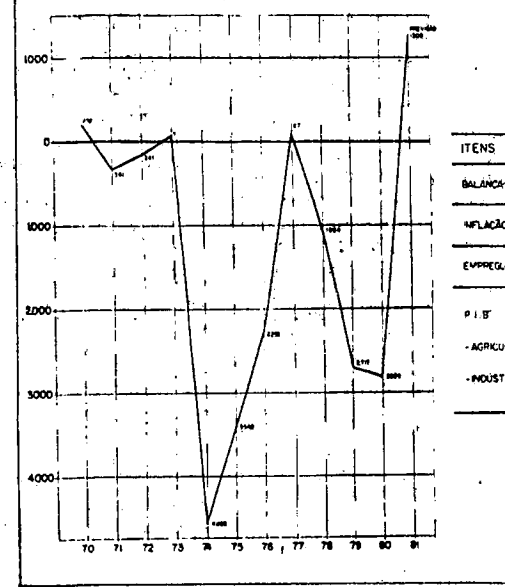
Serviços da dívida — Deve situar-se em cerca de 17 bilhões de dólares (juros de 9,5 bilhões e amortização de 7,5 bilhões de dólares), desde que não haja nova elevação nas taxas de juros internacionais (a expectativa é de queda no mercado financeiro internacional).

Mesmo com essa cifra estão comprometidos aproximadamente 61% da receita proveniente das exportações.

Emprego — Este item representa o maior desafio para 1982 e anos seguintes, mesmo considerando que os maus resultados de 1981 não devem repetir-se.

Deve-se considerar que a melhoria do nível de emprego significa aumento no produto interno (a proporção é de mais ou menos dois pontos

BALANÇA COMERCIAL (SALDO EM US\$ MILHÕES)



Essas medidas têm implicações na competitividade dos produtos nacionais no mercado externo (com repercussões na balança comercial) e no nível de inflação, que já deverá, por si, sofrer pressões do orçamento monetário, para cobrir déficits ocasionados pela política de subsídios à agricultura (também prioritária) e da Previdência Social.

Produto Interno Bruto — O PIB deverá crescer próximo aos 3%, sendo para agricultura entre 0 e 3% e para indústria + 8%.

Considerando tudo o que foi dito, a margem existente no balanço de pagamentos é suficiente apenas para que o crescimento industrial se situe entre +5 e + 8%, em 1982, o que significa crescimento zero em relação a 1980.

Entretanto, para que ele se efetive, seria necessária uma considerável recuperação no nível da demanda final, o que irá depender da evolução da taxa de juros e da política salarial, que tem comprimido o poder de compra da classe média.

